

Fernanda da Silva  
Luana Suellen Epifanio  
Magda Pereira da Silva  
Andresa da Cruz Leite  
Elba Cahuana Quispe  
Fabianno Andrade Lyra  
Wilma Raquel Barbosa Ribeiro  
Mariana Leonesy Barreto

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 –  
Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

**Revista Formadores**  
*VI Congresso Científico*  
Novas Trilhas Para Novos Rumos

## INTERVENÇÃO EMBASADA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

### RESUMO

O presente projeto de intervenção foi baseado nas relações interpessoais, envolvendo a questão social. Objetivou interferir na dinâmica das relações interpessoais de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I em uma Escola Pública em uma cidade do Recôncavo baiano, visando proporcionar reflexões e vivências sobre comportamentos socialmente habilidosos e sensibilizar os alunos para a valorização e respeito para com o outro e para consigo mesmo. Participaram 14 crianças que estudavam na série, sendo realizada a pesquisa-ação através do método qualitativo de relato de experiência, onde foram feitas, com as mesmas, observações, entrevistas e vivências relacionadas aos objetivos a serem alcançados.

### PALAVRAS-CHAVE:

Intervenção; Relações interpessoais; Aprendizagem.

### 1. INTRODUÇÃO

Somos a partir do outro. Essa premissa trabalha com a perspectiva de que todo e qualquer desenvolvimento é mediado pelo outro e sem este o processo evolutivo da humanidade estaria seriamente comprometido. Vários autores trabalham com esta perspectiva. Cabe destacar entre eles, Vygotsky. Este tinha como pressuposto básico de sua teoria que o ser humano se constrói como tal numa relação, circunscrito num contexto puramente social, em que a linguagem é o meio de representação simbólica da realidade (CASTORINA et al., 2006).

SILVA, Fernanda da.; EPIFANIO, Luana Suellen.; SILVA, Magda Pereira da.; LEITE, Andresa da Cruz.; QUISPE, Elba Cahuana.; LYRA, Fabianno Andrade.; RIBEIRO, Wilma Raquel Barbosa.; BARRETO, Mariana Leonesy. **Intervenção Embasada Nas Relações Interpessoais No Ensino Fundamental I:** um relato de experiência. *Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 12, n. 3, p. 37 - 49, mai, 2019.*

Assim, entendemos que o Desenvolvimento Humano acontece diante das relações interpessoais, pautadas por trocas recíprocas durante toda a vida do indivíduo, através do contato entre este e o meio – um exercendo influência sobre o outro. Para Vygotsky, somos primeiro sociais, depois nos individualizamos. Ou seja, o indivíduo se forma não somente através de suas potencialidades, mas a partir da socialização. O campo da psicologia social define muito bem o que vem a ser este processo, onde a escola é apontada como um lugar onde o sujeito está em constante interação e avaliação (MICHENER et al., 2005).

Perante esta questão, podemos citar a visão de educação posta por Paulo Freire (1997, p. 68 apud SOUZA, 2013) onde coloca que *“ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”*. Levando em consideração estas visões de educação, segundo estes autores, que levam em consideração pontos em comum, temos a escola posta como espaço que mediatiza o nosso desenvolvimento, colocando-se em muitas ocasiões numa posição meio contrária em direção a este progresso.

A família é sem dúvidas, durante algum tempo, o principal agente de socialização da criança, e as interações do infante são restritamente mediadas pelos pais e parentes mais chegados. Quando a criança chega ao ambiente escolar ela traz consigo elementos construídos durante este período de interação predominantemente familiar (BORSA, 2007).

Para Palácios (1995 apud BORSA, 2007) a escola juntamente com a família, é a instituição que mais pesadamente repercute na vida das crianças. Esta não somente repassa a cultura historicamente acumulada, mas influencia nos processos de individuação, como também no desenvolvimento afetivo, de habilidades sociais, de identidade sexual, da própria identidade pessoal, entre outros aspectos.

Estas habilidades envolvem saber expressar sentimentos positivos ou negativos de forma adequada, expressar opiniões, desejos, recusar ou fazer pedidos, cooperar e, sobretudo, lidar com questões frequentes no dia-a-dia escolar que são os conflitos. No entanto, muitas vezes, os pais não têm instrumentos para trabalhar com seus filhos de forma que estes aprendam a lidar com os colegas e professores em sala de aula o que leva a queixas cada vez mais frequentes de mau comportamento.

Não se pretende colocar em cheque a importância da família, entretanto nem sempre essa influência é positiva e satisfatória, como as habilidades são aprendidas em casa e depois expandidas no ambiente escolar, não as possuir pode ser de grande prejuízo para os aprendizes, já que a interação ficará seriamente comprometida.

Partindo deste pressuposto se faz necessário que os professores saibam trabalhar dentro da sala de aula, a fim de que o ambiente escolar seja um lugar que possa propiciar ao aluno possibilidades de uma interação de qualidade, sendo um mediador de conflitos, além de ter ferramentas para lidar com alunos advindos de ambientes familiares disfuncionais, promovendo processos interventivos na escola com os alunos incluindo essencialmente a família (DESSEM; POLÔNIA, 2007).

A escola é onde maioria das crianças passa boa parte do dia. Um lugar em que ela aprende,

convive, comunica-se, dá e recebe *feedbacks*, socializa-se (interage), brinca, etc. Um lugar onde ela precisa aprender não apenas o conteúdo acadêmico, mas coisas para a vida como um todo. Daí a importância de realizarmos esse projeto de pesquisa-ação nessa perspectiva, nesse ambiente, trazendo apontamentos de autores e teóricos como Vygotsky, Rodrigues, Martins, Castorina, Del Prette, entre outros, a fim de contribuir para melhor compreendermos esse processo através de uma intervenção no ambiente natural, com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I em uma Escola pública Municipal do Recôncavo baiano que traremos no decorrer deste.

O presente trabalho teve como objetivo geral: Intervir na dinâmica das relações interpessoais de alunos do Ensino Fundamental I em uma Escola Pública em uma cidade do Recôncavo baiano; e objetivos específicos: (1) Proporcionar reflexões e vivências sobre comportamentos socialmente habilidosos; (2) Sensibilizar para a valorização e respeito para com o outro e para consigo mesmo.

## **2. AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM RELAÇÃO AO CONTEXTO ESCOLAR**

De acordo com Müller (2008) é importante levar em conta o ponto de vista das crianças em relação aos diferentes processos de sua vida, dentre os quais se destaca a socialização na escola, “excluindo” o ponto de vista do adulto.

Sabendo que a escola é um ambiente social no qual vários sujeitos estão em constante relacionamento de diversas formas e intensidades, é necessário fazer-se uma análise de como acontecem essas interações, a posição dos colaboradores da escola como um todo em relação ao trabalho desempenhado, além da importância de se verificar o processo relacional entre a questão família e a escola e como isso pode contribuir para a promoção da melhora do ensino/aprendizagem (FRESCHI; FRESCHI, 2013).

É importante considerar que o estudo das relações interpessoais e intrapessoais é muito emaranhado, devido ao fato de ocorrer de formas diferentes e essas são essenciais para a construção de cidadãos felizes e com capacidade de viver em sociedade com aptidão para comunicar-se, socializar-se e interagir, considerando que durante todo o período escolar as inteligências emocionais precisam ser exploradas ao máximo para que haja a promoção da educação e preparo do indivíduo para a vida e para o mundo circundante de forma a expor suas opiniões, seus pontos de vista de forma aberta e saiba agir em prol de resolver os seus possíveis problemas (FRESCHI; FRESCHI, 2013).

Conforme Parsons (1964 apud MÜLLER, 2008), ao nascer à criança passa pela conformidade das instituições sócias, tais como: família, comunidade e escola. A partir dessa relação à mesma passa assimilar a moral e os hábitos que a conduzirão ao convívio em sociedade incorporando pouco a pouco as regras impostas bem como os valores, a fim de se inserirem ao contexto social, como fazendo parte do grupo.

De acordo com Durkheim (1974 apud MÜLLER, 2008), o processo de socialização associa-

se à educação, pelo fato de a mesma ter o papel de promover as habilidades físicas, morais e intelectuais, que cotidianamente são exigidas pela sociedade, sendo especificamente estabelecidas dentro dos contextos específicos nos quais a criança é pertencente. Outra comparação também importante segundo o autor é que se entende que a educação não é apenas uma ação repetida e sucessiva passadas por gerações, mas também uma busca contínua em impor nas crianças a forma de ver, de agir, de sentir, nas quais as mesmas não conseguiriam enxergar espontaneamente. Este processo da socialização corroborou para a estratégia de treinamento assegurando que a criança internalizasse as normas e regras para se integrar dentro da sociedade, universalizando a infância, distanciando-se daquele modelo onde as mesmas eram consideradas seres passivas e a infância sem muito valor.

De acordo com o casal Del Prette (2011), referindo-se à psicologia das relações interpessoais no que se refere ao contexto escolar, a educação é uma questão distintamente social que acrescenta a inserção do sujeito no mundo, no que se refere, inclusive, à cultura e civilização, sendo a escola um ambiente elevado de interações sociais e práticas educativas. De acordo com eles, é a qualidade das interações sociais que ocorrem na escola que irá construir uma educação aperfeiçoada, sendo necessário, no entanto, o uso de algumas habilidades sociais que devem ser devidamente compreendidas para essa preparação do aluno para a vida.

Ainda segundo os autores, é necessário ter habilidades que propiciem a mudança necessária de um comportamento através da expressão de sentimentos negativos de forma assertiva, aprendendo a lidar com as críticas, com as diferenças, resolução de problemas, solicitar mudança de comportamento, etc., contribuindo para que o aluno, no caso, tenha “bons modos”, sabendo a forma correta de se comunicar e interagir com o grupo de forma a facilitar sua convivência bem como o aprendizado, pois de acordo com ele, essas dificuldades de relacionamento podem ser transformadas em problemas no desenvolvimento socioemocional, como baixa autoestima, sem contar que essa deficiência nas habilidades de relações interpessoais pode trazer prejuízos no rendimento escolar (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011).

## **2.1 A PSICOLOGIA SOCIAL A SOCIALIZAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

A Psicologia Social é “o estudo sistemático da natureza e das causas do comportamento social humano” (MICHENER et al., 2005, p. 3), preocupando-se em descobrir a origem de vários comportamentos sociais tendo em vista quatro preocupações principais, que são: o impacto que o sujeito exerce em seus integrantes; o impacto que os integrantes exercem no grupo a que pertencem e o impacto que um grupo exerce sobre o outro, respectivamente, incluindo fatores de socialização que contribui em diversas questões relacionadas ao modo de relacionar-se do sujeito, ajudando-nos a compreender questões também relacionadas ao contexto educacional escolar.

De acordo com Michener et al. (2005), é por meio da socialização que aprendemos e recriamos habilidades, valores e conhecimentos para agirmos em sociedade. De acordo com eles, a socialização da criança é composta por quatro fatores, a saber: um agente (alguém que servirá de apoio para o que se objetiva ser aprendido); um processo (se refere ao aprendizado); um alvo

(a pessoa a ser socializada) e um resultado (o que está sendo aprendido). Afirmam ainda que existem, nesse processo, três agentes de socialização, que são: a família, os pares e a escola.

Conforme Dezin (1977 apud MICHENER et al., 2005), a escola diferentemente da família e dos pares, é concebida de forma intencional para a socialização da criança. Nela haverá um grupo de crianças na mesma faixa etária de idade, com uma intensa diferenciação de *status* entre as mesmas e os seus professores. No ambiente escolar, as crianças aprendem, inclusive, o que é desejável ou não no seu modo de agir, aprendendo, assim, a linguagem que espera-se que utilizem para avaliação própria e das demais (MICHENER et al., 2005).

A escola é um lugar de complexa interação entre discentes e docentes, coordenadores e de interação entre orientadores e psicólogos. Temos uma percepção das pessoas que é avaliada pelos nossos interesses, visão que temos do outro, preconceitos, atitudes, esquemas sociais e os professores precisam ter essa noção ao lidarem com os alunos (RODRIGUES et al., 2008).

Naturalmente, muitos professores no decorrer do percurso educacional acabam por rotular o aluno, ao classificá-los como sendo bons ou maus, situações que podem surgir por meio de preconceitos por parte desses docentes, o que pode levar aos alunos a *profecias auto realizadoras*, onde os mesmos deixarão de acreditar em suas potencialidades, passando a ficar estagnados, respondendo, assim, de forma coerente às expectativas do educador que desacredita destes (RODRIGUES et al., 2008).

Por ser um ambiente onde os alunos estão sendo constantemente avaliados em todos os âmbitos, torna-se necessário dar-se uma importância à visão atribuída pelo aluno em relação às causas de seu resultado no mesmo quer sejam desejados ou indesejados (RODRIGUES et al., 2008).

Como consequência dessas atribuições pessimistas em relação aos alunos, podem surgir vários problemas como depressão, baixa autoestima, desinteresse do aluno pelas atividades relacionadas ao contexto acadêmico, podendo resultar, inclusive, no abandono à escola. Há, portanto, a necessidade de o educador ajudar os alunos a vencer as ameaças à sua autoestima e não o contrário. Assim, deve procurar aumentar a motivação ao bom desempenho dos mesmos de forma a agregar pensamentos positivos destes para com os seus superiores e para consigo mesmos, consequentemente contribuindo para que estes alcancem o êxito (RODRIGUES et al., 2008).

Para que realmente ocorra a socialização com tudo que a caracteriza, é fundamental que os pais (primeiros agentes de socialização da criança) lhe tenham oferecido um ambiente produtivo, que lhe propiciasse o desenvolvimento de habilidades sociais que são de fundamental importância para aprender a conviver socialmente de forma significativa e produtiva. Essas habilidades são “um conjunto de capacidades comportamentais aprendidas que envolvem interações sociais” (CABALLO, 1995, p. 228; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999 apud BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

## 2.2 EDUCAÇÃO SEGUNDO VYGOTSKY

Para Vygotsky (1984 apud CASTORINA et al., 2006) a relação entre os processos de desenvolvimento e aprendizagem é fundamental. Ele busca a compreensão da origem e desenvolvimento dos processos psicológicos, levando em consideração aspectos relacionados ao desenvolvimento da espécie humana (filogenéticos), questões relacionadas à história dos grupos sociais (sociogenético), questões relacionadas ao desenvolvimento do indivíduo (ontogenético) e relacionados ao desenvolvimento de aspectos específicos do repertório psicológico de dos sujeitos (micro genético), que irão interatuar para construir os processos psicológicos do sujeito.

Ele atribuiu uma grande importância no que se refere ao contexto sociohistórico dos sujeitos, quanto as suas funções psicológicas e sua interação social, trazendo como ponto relevante a questão da aprendizagem para a compreensão do ser humano (VYGOTSKY, 1984 apud CASTORINA et al., 2006).

De acordo com Vygotsky (apud CASTORINA et al., 2006), a aprendizagem relaciona-se ao desenvolvimento desde o nascimento do ser humano, como “um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1984, p.101 apud CASTORINA et al., 2006, p.55).

O desenvolvimento humano define-se pelos processos de maturação orgânica que ocorre de forma diferente para cada ser humano, sendo, no entanto, a aprendizagem que possibilitará que os processos internos sejam desenvolvidos, o que só é possível a partir da interação organismo/ambiente. Ou seja, apesar do ser humano já nascer com características próprias, a aprendizagem é de fundamental importância para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que lhes possibilitará a consciência, planejamento, etc. (CASTORINA et al., 2006).

Para Vygotsky, a aprendizagem está inserida num contexto que sempre inclui a interação entre os indivíduos. As relações interpessoais são, portanto, fundamentais para a construção dos processos psicológicos típicos do ser humano, sendo necessário, portanto, que haja interação sujeito/mundo por intermédio de outros sujeitos. A aprendizagem “nunca ocorre em um indivíduo isolado” (VYGOTSKY, 1984 apud CASTORINA et al., 2006, p.56).

O conceito de aprendizagem defendido por Vygotsky não se limita apenas à questão da aprendizagem ou ao ensino somente, mas a um aspecto global de relações interpessoais envolvendo o aluno, o professor e a relação estabelecida no que se refere ao ensino-aprendizagem. Para ele, essa concepção (ensino-aprendizagem) aponta importantes aspectos. A questão de que a relação aprendiz/educador não se dá apenas pela presença física do outro, mas pode mostrar-se através de objetos, da forma como o ambiente está organizado, dos significados que contém elementos do contexto que trará para o sujeito através do ambiente, objetos, significados, etc. essa concepção. Existem coisas que a criança sabe o que é pelo simples fato de já ter internalizado seu significado como tal (através do seu contato com o mesmo, por exemplo), sem para tanto, necessitar todo um processo de instrução (CASTORINA et al., 2006).

Quando, por outro lado é desejada a aprendizagem como resultado decidido, claro e exposto, é

muito importante que haja a intervenção. Sendo a escola um lugar intencional para o processo de ensino-aprendizagem para a construção de certos conhecimentos, tem como função também agregar conhecimentos para além dos informais que a criança adquirirá com sua relação com o ambiente, tendo agora o professor como um elemento não “figurativo”, mas presente para contribuir para a realização desse fim, desempenhando seu papel (VYGOTSKY, 1984 apud CASTORINA et al., 2006).

Sendo assim, para o desenvolvimento do indivíduo é essencial o desenvolvimento e aprendizagem que andam de “mãos dadas”. No entanto, ainda que haja uma relação dos processos de aprendizagem com o meio no qual o indivíduo está inserido, quando um outro social intervém, esse ensino-aprendizagem se aglomeram, havendo uma indissociação entre aluno, professor e os demais indivíduos do contexto (CASTORINA et al., 2006)

Vygotsky traz três concepções básicas importantes para a questão do ensino na escola: (1) que *o desenvolvimento psicológico deve ser usado de maneira prospectiva*, ou seja, não deve limitar-se apenas ao que ocorre no presente do sujeito, mas para além; (2) que *os processos de aprendizado movimentam os processos de desenvolvimento*, segundo a qual o processo de desenvolvimento ocorre “de fora para dentro”, pela internalização dos processos psicológicos. Suas metas são construídas conforme seu contexto cultural. Uma vez que o aprendizado contribui para que o sujeito venha a desenvolver-se, a escola exerce um papel fundamental para promover o desenvolvimento psicológico e (3) *a importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo na promoção dos processos Inter psicológicos que serão posteriormente internalizados*, onde, segundo Oliveira, 1993 (apud CASTORINA et al., 2006) as ações primariamente praticadas pelo indivíduo serão interpretadas pelos outros que o circundam de acordo com os padrões culturais e a partir daí, o indivíduo poderá atribuir significados às ações do mesmo desenvolvendo processos psicológicos internos que ele mesmo poderá interpretar por meios das informações transmitidas pelos membros de tal grupo (CASTORINA et al., 2006).

### 3. METODOLOGIA

O método utilizado nesse trabalho foi o método qualitativo que, de acordo com Minayo (2001 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), trabalha com uma infinidade de significados das pessoas, considerando suas crenças, motivos, valores e suas atitudes, correspondendo a um espaço mais amplo através da exposição dos pontos de vista dos participantes, com grandes contribuições nas áreas de Psicologia e Educação, visando a descrição, compreensão, bem como a precisão de um acontecimento, possibilitando a produção de novos conhecimentos ao possibilitar ao sujeito a exposição de suas ideias acerca de determinadas questões. Utilizou-se, dentro desse método, do relato de experiência fazendo-se uso do método de pesquisa-ação.

O objetivo geral desse projeto foi intervir na dinâmica das relações interpessoais de alunos do Ensino Fundamental I em uma Escola Pública em uma cidade do Recôncavo baiano, com 14

alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I (2ª série), com idades entre 9 a 12 anos. A partir desse objetivo, realizou-se a intervenção com esses alunos, a fim de proporcionar reflexões e vivências sobre comportamentos socialmente habilidosos e sensibilizá-los para a valorização e respeito para com o outro e para consigo próprios.

A demanda apresentada pela escola foi a questão da dificuldade de aprendizado e mal comportamento por parte dos alunos. As vivências foram realizadas com os 14 alunos, que estudavam nessa turma, sendo três do sexo masculino e onze do sexo feminino e foi realizada em seu ambiente natural (no espaço físico da própria escola). Foram realizados dez encontros, sendo dois correspondentes a observações em sala de aula e oito a vivências realizadas com os alunos, cuja duração variou de 45min a 2:00h.

Os temas dos encontros foram escolhidos com base na demanda trazida pela escola e conforme observações feitas a cada encontro. As vivências trabalhadas foram: *“Aceitação das diferenças”*; *“A dança da cadeira cooperativa”*; *“Caixa de correio”*; *“Paz em nossas mãos”*; *“Tecer a vida coletivamente”* e *“Nem passivo nem agressivo, assertivo”*.

No primeiro encontro para intervenção os instrumentos utilizados foram: revistas, cartolinas, cola e tesouras; no segundo: cadeiras (em quantidade menor que o número de participantes) e caixa de som; no terceiro: uma caixa de sapatos, folhas de papel ofício e lápis (um para cada participante); no quarto: um chapéu e um espelho pequeno; no quinto: 2 cartolinas e 2 pincéis; no sexto: faixas de tecido (suficientes para vendar os olhos da metade dos participantes); no sétimo: folhas de papel ofício e lápis em cores diferentes para cada participante; no oitavo: bexigas, *notebook* (para projeção de vídeos educativos), caixa de som, marca páginas com palavras referentes aos assuntos abordados na intervenção (respeito, aceitação, união, etc.).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O primeiro encontro teve como tema *aceitação das diferenças*, tendo como objetivo levar os alunos a refletir sobre o fato de que vivemos em meio à diversidade, de cores, tamanhos, idades, religiões e etc., não carregando isto uma conotação negativa, pelo contrário isto faz o mundo e a sala de aula, ambientes interessantes, por isso todos devem ser respeitados na sua diferença, não diminuído, agredido ou excluído. A vivência consistia em depois de todos sentarem em círculo no chão, e serem distribuídas caneta, cola e revistas para cada um, eles deveriam identificar, recortar e colar imagens de pessoas cujas quais os mesmos achavam que eram diferentes deles, em cor, idade, sexo, peso, etc. Após o término da vivência, houve uma reflexão a respeito da diversidade e a conduta que todos devem ter frente a isso.

No segundo encontro, o tema escolhido foi *a dança da cadeira cooperativa*. Essa dinâmica teve como objetivo promover reflexão sobre a importância da cooperação entre os integrantes do grupo. Nesta atividade as cadeiras da sala foram distribuídas em círculos no total de 8, número

inferior à quantidade de alunos, explicando que a brincadeira funcionaria da seguinte forma: iríamos tocar uma música, quando a mesma fosse interrompida todos deveriam procurar uma cadeira. Essa brincadeira é um pouco diferente do estilo tradicional da dança da cadeira já que, ao ser pausada a música, todos deveriam sentar, nenhum poderia ficar em pé, ou seja, o grupo só vence quando, a exceção de nenhum, todos estivessem acomodados numa cadeira (mesmo que isso significasse dividir a cadeira com um colega). No entanto, este ambiente de cooperação não foi possível, já que os alunos, afim de não perderem a cadeira, não cediam espaço para o outro, havendo ainda episódios de agressão verbal e física por parte de alguns participantes, o que levou a interrupção e encerramento da atividade.

Nestes dois primeiros encontros, pôde-se perceber que as relações entre os colegas não eram favoráveis à aprendizagem, tornando-a quase impossível, já que este ambiente não era facilitador, sendo pautada pela agressividade física e verbal, competição e desrespeito, e climas de apreensão, medo e necessidade de se auto proteger.

Para o terceiro encontro, o grupo propôs uma vivência que tinha como objetivo mostrar os alunos que havia outras formas de se comunicar, de resolver problemas que não fosse através da reação com agressões mútuas, e sim pelo expor aos outros aquilo que lhes causa sentimentos negativos. A vivência tinha como título *caixa de correio*. Nesta vivência cada participante munido de caneta e papel, escrevia e/ou desenhava colocando em uma caixa de sapatos o que lhe incomodava, solicitando mudanças. A priori os integrantes demonstraram interesse, mas acabaram se dispersando.

No quarto encontro que tinha como tema *para quem você tira o chapéu?* Objetivou-se que os alunos reconhecessem as suas próprias qualidades, pois ao se perceberem como sendo pessoas com adjetivos esperávamos que houvesse uma melhora na autoestima, o que interferiria de forma positiva na relação intra e interpessoal. A vivência promoveu um ambiente de descontração no qual os alunos puderam expor tanto suas qualidades como também defeitos, de forma espontânea. Alguns relataram:

*"Aprendi que a gente deve se aceitar do jeito que é, pois todo mundo tem uma coisa boa. "* (Sujeito V., 9 anos)

*"Aprendi que ninguém é melhor do que ninguém"* (Sujeito E., 9 anos)

No quinto encontro foi realizada a vivência do *cartaz coletivo*, que teve como objetivo exercitar a inter-relação e Aceitação mútua. Os alunos foram divididos em dois grupos, onde, utilizando-se de uma cartolina e um pincel (para cada grupo) um deveria fazer um desenho de um transporte terrestre e o outro de um transporte aéreo. Cada membro do grupo deveria participar fazendo uma parte do desenho (ex: um as rodas, outro as janelas, etc.), até que o desenho ficasse 100% concluído. Após, cada grupo deveria ir à frente apresentar seu trabalho para seus colegas (do outro grupo), dizendo o que tinha desenhado, porque escolheu desenhar aquela parte, qual a sua dificuldade em realizar a atividade, qual a parte que mais gostou do desenho e o que achou da atividade. No final, foi solicitado que expusessem o que aprenderam com a atividade. Houveram falas como:

*“Eu aprendi que todo mundo tem capacidade de fazer alguma coisa legal para ajudar o outro. ”*  
(Sujeito “V,9 anos).

*“Foi muito legal, porque cada um fez uma parte. ”* (Sujeito “J”,9 anos).

No sexto encontro, a vivência teve como tema *“Paz em nossas mãos”* e teve como objetivo levar os alunos a refletir sobre gestos agressivos e pacificadores que podemos realizar com nossas mãos, consistindo em transformar um gesto mal em um gesto bom. Dividimos a sala em dois grupos em quantidades iguais de participantes (de 4 pessoas cada, pois faltaram alguns alunos), onde um grupo teve os olhos vendados e o outro não. Os alunos com os olhos vendados, foram encostados em uma parede da sala de aula e solicitamos aos demais que passeassem pela sala, próximos aos alunos de olhos vendados e, ao nosso sinal, parassem de frente a um deles e copiasse o gesto que fizéssemos com nossas mãos para a pessoa à sua frente, sem, no entanto, dizer de qual se tratava. A pessoa de olhos vendados deveria tocar a mão do colega que estava à sua frente e tentar descobrir que gesto era aquele. Se o gesto fosse bom (ex: “joinha”, coração, acenar, etc.) ela deveria retribuir, repetindo a mesma coisa. Caso fosse um gesto mal, eles deveriam transformar esse gesto em um gesto bom (ex: transformar um sinal de soco em um aperto de mão ou em um abraço). Essa atividade não foi concluída porque um dos alunos começou a empurrar alguns dos que estavam com os olhos vendados. Partimos, então, para outra vivência, onde colocamos uma quantidade diferente com uma a menos a quantidade correspondente de alunos presentes. Eles deveriam girar, ao som de uma musiquinha cantada e, ao dizer “sentou”, todos deveriam procurar um lugar para sentar. Ao que ficava em pé, era solicitado que escolhesse alguém do grupo e falasse o que gostava naquela pessoa. Ao terminar de falar, era dita a palavra “trocou” e todos deveriam trocar de lugar, onde o que não conseguia sentar tinha que repetir o mesmo processo, até que todos do grupo participasse e todos fossem elogiados por e elogiassem alguém.

Depoimentos das crianças:

*“Eu gosto da “K” porque ela brinca comigo no recreio”*

*“Eu gosto do porque ele me deixa brincar com ele”*

*“Eu gosto da “H” quando ela brinca comigo”*

*“Eu gosto da “F”, porque ela deixa eu ver as provas e as atividades dela para pegar as respostas”*(Sujeito “H”, 12 anos)

*“Eu gosto do sapato dele”*(Sujeito “n” 9 anos)

Essa foi a parte da vivência que eles afirmaram mais ter gostado, inclusive, quiseram repeti-la.

No sétimo encontro, a vivência teve como tema *“Tecer a vida coletivamente”*. Teve como objetivo levar os alunos a compreender-se como alguém que, ao mesmo tempo que envolvido num processo individual, está também num coletivo na sua vida, a fim de criar coisas novas. Foi distribuída uma cartolina para cada criança e foi solicitada que cada uma iniciasse um desenho que, após dois minutos, deveria o desenho deveria ser passado para o colega à sua direita para que o mesmo pudesse dar continuidade, assim, todos contribuiriam um com o desenho do outro. A atividade não obteve muito êxito, porque uma das meninas não quis passar o desenho para

uma de suas colegas ao ponto de rasga-lo, ao ser solicitado que trocasse.

*“A “H” não desenha nada direito. Ela vai estragar meu desenho” (Sujeito “K”, 9 anos).*

Depois de trocar algumas vezes, mais dois dos alunos acabaram também tentando rasgar os desenhos para não repassar e, após sem êxito, tentamos convencê-los a fazê-lo, desistimos da atividade. Explicamos para eles qual fora o objetivo e discutimos a cerca de se eles acharam legal o ocorrido durante a atividade. Despedimo-nos e fomos embora.

No oitavo e último encontro, foi a nossa confraternização, onde iniciamos com uma vivência que abordava as questões de assertividade, passividade e agressividade. A sala foi dividida em 3 grupos, o grupo que estava intervindo também se dividiu, ficando cada um responsável por um grupo de crianças. Nestes grupos, cada integrante ficou de discutir sobre assertividade, agressividade e passividade.

Logo após a rápida discussão, alguns convidados para a nossa última vivência, apresentaram algumas cenas de situações cotidianas de comportamento agressivo e passivo. Ao fim da apresentação da situação, um integrante do grupo de intervenção perguntava à turma se aquele comportamento era adequado ou não, o porquê e qual comportamento se deveria adotar naquela situação. A turma participou ativamente, respondendo às questões do grupo. A partir desta vivência foi possível perceber que conseguimos criar, ao longo do processo interventivo, um espaço para reflexão e aprendizagem a respeito de comportamentos socialmente habilidosos, a partir do momento que que aproximamos a teoria e a prática, projetando para eles a realidade que estamos imersos, puderam perceber as mudanças necessárias e quais comportamentos emitir.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intervenção registrada procurou interagir com a turma atribuída, sempre atento ao fato de que os estudantes vêm com uma bagagem de práticas, hábitos e condutas aprendidos em casa ou em outros ambientes, o que leva-nos a responsabilidade de olhar cada aluno como um ser cheio de particularidades, não como um indivíduo a ser modificado ou moldado, e sim a ser inserido no processo de ensino-aprendizagem, dinâmica que somente pode ocorrer numa convivência saudável entre aluno-aluno e professores.

Os exercícios usados na intervenção visaram treinos que capacitam ao verbalizar assertivamente diferenças, queixas, ansiedades ou sentimentos positivos. Em cada encontro os alunos demonstraram dificuldade para a comunicação livre e espontânea, ao se mostrarem receosos, tímidos e até mesmo desconfortáveis para realizar as atividades propostas. Alguns demonstraram desinteresse, outros, vergonha ao expor seus sentimentos, pois a crença e governa ambientes públicos são de temíveis de tornar-se alvo de repressões, *bullying* ou chacota. No entanto, na reta final da intervenção, perceberam-se pequenos, porém significativos progressos, pois

a participação teve maior número de pessoas cooperando entre elas. Desta maneira, pode-se afirmar que a resistência inicial à intervenção, se deve à atitude defensiva dos alunos e a preocupação e intenções de se “proteger” de fatores considerados hostis, apenas por serem novos. Mas, logo que esses fatores se tornam conhecidos ou familiares podem ser mais aceitos.

Tudo isso demonstrou a grande necessidade de implantar e implementar uma área (ou cargo, como psicólogo) na escola, que possa cuidar basicamente dos aspectos mais subjetivos dos alunos e dar continuidade a ações que promovam o conhecimento de si mesmos, dos colegas e professores, para desenvolver boas relações interpessoais e novas formas de interação, ampliando, assim, o repertório de comportamentos desejáveis.

Por meio deste pode-se perceber a importância do psicólogo no contexto educacional para ajudar a escola nesse processo de organização de forma a propiciar um ambiente inclusive psicologicamente mais saudável para essas crianças.

É bem verdade que a escola não determina o comportamento dos alunos, que estes são influenciados por outros cenários. Porém, a escola pode ser um contexto que facilite um ambiente saudável, para que o aprendizado seja uma experiência prazerosa. Nesse sentido, reconhecendo que o tempo desse projeto de intervenção foi insuficiente, há a necessidade de inclusão deste no planejamento da escola em que o mesmo foi realizado, se possível for, pois uma intervenção a longo prazo poderá ter maiores resultados além dos que foram alcançados, inclusive trabalhando-se agora não apenas com os alunos, mas envolvendo pais e corpo docente.

## REFERÊNCIAS

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, Jul. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 de nov. 2016.

BORSA, J. C. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. Rio grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2016.

CASTORINA, J. A.; FERREIRO, J. A. C.; LERNER, D.; OLIVEIRA, M. K. De. **Piaget-Vygotsky**. 6ª ed. São Paulo, SP: Ática, 2006.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. 9ª ed. Pretópolis, RJ: Vozes, 2011.

DESSEM, M, A.; POLÔNIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento. In. **Paidéia**, 2007, sso em: ano 17, nº. 36, p. 21-32. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36a03.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1º ed. Porto Alegre: Editora da: UFRGS, 2009.

FRESCHI, E. M.; FRESCHI, M. Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. **Rev. de educação Ideal (REI)** Vol. 8 – Nº 18 – Jul. – Dez. 2013 Semestral. Disponível em: < [https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf)> Acesso em: 08 de abr. 2019

MARTINS, J. C. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Série ideias** n. 28, p. 111-122. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em: < [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea\\_a.php?t=002](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=002)> Acesso em 04 de nov. 2016.

MICHENER, H. Andrew; DELAMATER, John D.; MYERS, Daniel J. **Psicologia social**. São paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MÜLLER, F. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 123-141, 2008. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a10> Acesso em: 18 de out. 2016.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLOONSKI, B. **Psicologia social**. 26ªed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUZA, A. P. **A escola enquanto espaço de desenvolvimento humano**. Webartigos. Olinda - PE, 2013. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-escola-enquanto-espaco-de-desenvolvimento-humano/107257/#ixzz4QhHz7oxE>> Acesso em: 21 de nov. 2016.